



**[RESENHA] OLIVEIRA, Fernanda Lopes de. A tanatologia em Epicteto.  
Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.**

Davi Fortes Silva (graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe-UFS). Email: davifortes1@hotmail.com.

O livro a ser apresentado surge após a publicação da dissertação de mestrado, obtida em 2017, feita na Universidade Federal Fluminense, pela Fernanda Lopes de Oliveira. O livro é feito com o propósito de empreender uma engenhosa reconstrução da tanatologia em Epicteto, isto é, o estudo da morte nesse autor, e tal estudo perpassa por alguns temas que serão explicitados no decorrer desse texto. Um deles é a importância da filosofia como forma de vida no 1 capítulo, em que a autora demonstra o ponto de vista do filósofo Michael Foucault e do Pierre Hadot com relação ao assunto, analisando a argumentação de cada um acerca das concepções de que as Filosofias Antigas e Helenísticas devem ser vistas como formas de lidar com a vida, e identificando em quais aspectos divergem e convergem, análise essa que acontece especificamente no capítulo 1.1.2 **Hadot e Foucault na análise da Filosofia como forma de vida.**

Outro tema estudado é também a visão da Filosofia como forma de morte, que em convergência com o tema já citado, reconhece um papel fundamental na consciência da morte em busca de uma construção existencial pautada em ações que, de alguma forma, são guiadas pelo reconhecimento da finitude humana, do nosso prazo de validade no cosmos enquanto seres humanos. O caso de Sócrates seria aqui o caso paradigmático para a autora, com relação à preparação para a morte, que influência de certa forma a quase totalidade das escolas filosóficas posteriores, segundo a autora. Um exemplo no texto acerca desse reconhecimento da morte: “Estão se exercitando para morrer todos aqueles que, no bom sentido da palavra, se dedicam à filosofia<sup>1</sup>”. Em seguida, a autora busca demonstrar a relevância do tema da morte tanto na filosofia estoica, como em Epicteto<sup>2</sup>, mais especificamente.

Epicteto abriu sua escola em Nicópolis, após ser expulso de Roma, provavelmente em 95, após um decreto do imperador Domiciano que expulsou os filósofos da cidade. As *diatribes* atribuídas ao autor por Lúcio Flávio Arriano Xenofonte, das quais infelizmente só nos chegou a metade, do total de 8 livros, são

---

<sup>1</sup> Fédon, 67e. As citações do Fédon no trabalho da Fernanda em questão se referem à edição disponível em: PLATÃO. Banquete, Fédon, Sofista, Político. Trad. José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 1 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Coleção Os Pensadores).

<sup>2</sup> Epicteto foi um filósofo e ex escravo que nasceu em Hierópolis, por volta do ano 55, na Frígia, e morreu por volta de 135 em Nicópolis, antiga cidade localizada na entrada do Golfo Ambraciano, no Epiro.

umas das maiores fontes do Estoicismo Imperial. A maior parte da obra deste filósofo não tem tradução em nossa língua e devido a esse fator os admiradores do filósofo devem buscar as suas obras em outras línguas. A autora Fernanda traduz alguns fragmentos do inglês para fundamentar os seus argumentos, virtude essa que enriquece muito o embasamento do texto.

Sobre a relevância do tema da morte em Epicteto, a autora se embasa em textos como o *Manual* de Epicteto e as *Diatribes*, assim como alguns trechos da *Meditações* de Marco Aurélio, afim de esclarecer e aprofundar a questão. O norte principal em questão é separar o estudo nos três campos da filosofia estoica, a saber: lógica, que tem a função de analisar quando o suicídio torna-se algo embasado por sentido, a física que no caso em questão analisa a função da morte no cosmos, e a ética que analisa se o suicídio é virtuoso ou não, tendo como uma certa dificuldade o fato de que Epicteto parece não se dedicar tanto aos temas da Física. Ao destrinchar os três campos da filosofia e sua relevância para o estudo, a autora continua o livro destacando o tema do medo da morte, e do suicídio em Epicteto.

Sobre a estrutura geral do livro, temos a divisão em três capítulos, com notas introdutórias delineando qual caminho irá traçar para reconstruir a tanatologia em Epicteto, que no caso seria o estudo voltado para a ética, lógica e física, com conceituação também do Estoicismo em Geral, tendo como ponto principal de conceituação do autor a sua separação entre as coisas que estão sob o nosso encargo (*eph humîn*) e as que não estão sob o nosso encargo (*ouk eph humîn*), sendo as primeiras basicamente as nossas ações, o controle de nossos pensamentos, a saber: lidar com as representações<sup>3</sup> (*phantasíai*) da melhor forma, que seria somente dando assentimento (*synkatathesis*) àquelas representações catalépticas (*kataleptiké*), pois somente essas se afiguram e são ou não se afiguram e não são, portanto, são as representações que tem o poder de apreender imediata e objetivamente a realidade. A noção entre os diferentes tipos de representações nos é dada na Diatribe 1.27, Livro 1: “De quantos tipos são as representações, e quais auxílios devemos ter à mão em relação a elas” (Dinucci, 2018, p. 95). O que temos de livre e desimpedido está sob o nosso encargo, que seria o nosso princípio diretor (*hegemonikon*), termo esse que designa a racionalidade da alma, que nos possibilita a faculdade de escolha (*prohairesis*), e por causa dessa faculdade é que podemos escolher o que assentir ou não, sendo papel do filósofo, para Epicteto, efetuar o correto assentimento com relação às representações, e como é explicitado pela autora do livro em questão, o filósofo deve reconhecer que a morte não é algo que está sob o nosso encargo, pois é um acontecimento que independe

---

<sup>3</sup> Nesse trabalho, a autora opta por traduzir *phantasíai* como “representação”, seguindo a tradução de Dinucci: “Ora, quanto às alternativas para traduzirmos o termo *phantasia*, parece-nos que impressão está mais próximo de Cleanto que de Crisipo, pois a metáfora utilizada por Cleanto para introduzir o conceito em questão é justamente a da impressão sobre a cera, metáfora que é criticada por Crisipo por seu caráter imagético. A concepção de Crisipo sobre *phantasia* - adotada desde então pelo Estoicismo - é que ela tem duas facetas: uma sensível (pois, como dissemos, trata-se de uma modificação da faculdade diretriz) e outra virtual (pois a essa modificação é afixado um juízo, que descreve e avalia aquilo que efetuou a modificação). Assim sendo, parece-nos que a palavra “representação” (que possui, de acordo com o Aurélio, o sentido filosófico geral de “conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento”) serve para o nosso propósito, e por ela traduziremos *phantasia*”. Para maiores esclarecimentos sobre esse tema da tradução do termo *phantasia*, ver a nota 18 de: EPICTETO. O *Enchiridion* de Epicteto. Edição bilingue. Tradução de Aldo Dinucci e Alfredo Julien. 1 ed. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2012.

de nossa vontade e irá acontecer de qualquer maneira, dado o conhecimento do ciclo cósmico, parte fundamental da Física implícita nos ensinamentos de Epicteto, e ir de contra a natureza é ser tolo, é ser escravo por agir de acordo com aquilo que não é seu encargo, que por natureza é de outrem, no caso é posse do cosmos.

O primeiro capítulo se encarrega de demonstrar o aspecto prático da filosofia Antiga e a importância da morte em suas reflexões para a vida. O segundo, sobre o medo da morte, demonstrando o exemplo de Sócrates, o aspecto da morte como máscara e os tipos de medo da morte. O terceiro capítulo aborda o tema do suicídio, esclarecendo o termo e demonstrando que o suicídio em Epicteto é algo que não somente pode ter razão, como pode ser utilizado para preservar a nossa razão, mas que para isso é necessário uma série de critérios para o suicídio virtuoso, e é tendo em vista isso que a autora nos deixa com uma pergunta final em seu livro, que possivelmente será desenvolvido no próximo livro da Fernanda, a saber: “Estaria a morte designada apenas aos sábios?”. Fora essas breves considerações, tendo já exposto um considerável esboço do primeiro capítulo, irei me ater mais especificamente ao segundo, afim de demonstrar como se aplica a física, a ética e a lógica do filósofo Epicteto em torno dos tipos de medo da morte, temática essa abordada nesse capítulo, já que essas três áreas interconectadas do Estoicismo servem como uma boa base para o trabalho em questão.

O segundo capítulo é iniciado com uma introdução sobre o tema da morte, em que a autora conecta esse capítulo ao primeiro, em que apresentou a filosofia como forma de vida e também como forma de morte, com argumentos de figuras importantes como o Foucault e o Hadot, como já citados inicialmente nessa resenha. Após retomar essa concepção de forma rápida, ela explica que Epicteto buscava tratar os jovens discípulos do medo da morte, para evitarem outros vícios e alcançarem a vida virtuosa. Sabemos que esse norte de busca que exige uma conformidade com a natureza do cosmos, buscando focar seus esforços apenas naquilo que é nosso encargo, que reside na capacidade racional e em nossa capacidade de escolha, sendo essas duas características signos da divindade no ser humano. O mal e o bem em Epicteto residem no caráter moral, e tudo o mais é indiferente, e nesse campo inclui a morte, o exílio, a escravidão, o corpo e tudo mais que é externo à nossa capacidade de escolha e, portanto, nada deve ser para nós.

Em seguida, ao discorrer sobre como os estóicos reconheciam que os homens temem a morte, e por isso apresentam os modos de tratar o temor da morte desde o Estoicismo antigo, ela nos apresenta a visão de Crisipo, em que o medo da morte para ele seria um erro de juízo, em que a pessoa antecipa o que considera serem males futuros, o que configura duplamente a preocupação com algo que não está sob o nosso encargo, no caso o futuro e a morte. Em ambos os casos uma pessoa estóica deve saber que nada pode fazer com relação a isso, os dois nortes principais para tratar desse medo, nesse contexto, é focando no tempo presente e vendo a morte como indiferente, por não ser nem boa nem ruim por natureza. Diferentemente do que se pode usualmente achar, o filósofo estóico não se prende apenas no presente, esquecendo o passado e desconsiderando o futuro, mas ele faz plano e usa os conhecimentos de experiências adquiridas no passado, buscando evitar algumas paixões decorrentes desses pensamentos, pois sabe que não é possível fazer nada para modificar o passado ou assegurar o futuro. Paixões tais como o medo, pavor, raiva, ira e pena são desconsideradas no manual de ação de um estoico, sendo elas fatores que atrapalham a tranquilidade (*ataraxia*) e a liberdade do filósofo, sendo assim configuradas como um mal moral.

Na parte 2.1 do capítulo, a autora examina o exemplo de Sócrates, que superou o medo da morte com cautela, e teve confiança ao enfrentá-la. Explicando rapidamente esses dois modos de agir, a cautela estaria relacionada à análise de uma representação, antes de fazer algum assentimento errôneo em torno dela, criando assim um falso juízo e deixando incorporar à capacidade racional uma opinião falsa sobre algo, que seria ponderar a morte como algo terrível, pois nada ela tem de terrível, mas é terrível achar que ela é terrível, pois por ser algo que não está sob nosso encargo e faz parte do ciclo cósmico, nada deve ser para nós, segundo Epicteto. Confiança nesse contexto em Epicteto seria confiar na divindade e em suas razões relacionadas à morte e ao nascimento, e cautela ao analisar uma proposição que quer configurar a morte como terrível. Em outras palavras, ao analisar a morte e ter compreendido que não deve temê-la, Sócrates agiu com confiança e cautela, respectivamente.

Na parte 2.2, relativa aos tipos de medo da morte, a autora destaca os diferentes tipos de medo relacionados à morte e analisa minuciosamente como lidar com cada um deles, que são o medo da aniquilação, da mortalidade, o medo de morrer cedo, o medo do processo da morte e por fim o medo da morte dos outros. O primeiro é o medo de estar morto, o medo da não existência, que pode ser tratado lembrando e aplicando os princípios físicos, reconhecendo-se como parte da natureza do cosmos e retificando os juízos sobre a morte, entendendo assim que ela não significa uma aniquilação, mas sim uma transformação necessária ao ciclo de mudanças no cosmos. Com relação ao medo da mortalidade, que é o desejo de viver para sempre, deve-se ajustar os desejos e repulsas tendo em vista o que efetivamente está sob o nosso encargo, aceitando assim os acontecimentos, tais como a morte, do jeito que eles são, indiferentes e com uma razão externa, a do cosmos. Ao rememorar os princípios físicos, deve-se também reconhecer que a mortalidade é uma característica intrínseca a todos os seres vivos no cosmos, seja uma planta, animal ou ser humano, pois é assim que o mundo está organizado.

Com relação ao medo de morrer cedo, a autora reconhece que não existem passagens em Epicteto que tratem diretamente desse tipo de morte, mas que se pode inferir a partir do *Manual* e das *Diatribes* que existe um *kairós*, isto é, um momento certo ou oportuno para morrer, seja por nossa própria escolha ou por uma razão alheia ao nosso controle. Com relação a como lidar com essa última, ao utilizar-se da analogia da peça teatral e do mundo como uma festa, sendo nós participantes dessa peça enquanto vivemos, tendo que dar espaço a outros ao morrermos, Epicteto pretende ensinar que a duração da nossa vida não é algo que está sob o nosso encargo, e que já existe uma determinação anterior por deus ou pelo cosmos, que estabeleceu um termo específico e apropriado para a morte de cada um, nesse caso está sob nosso encargo aproveitar o mundo como se estivéssemos em uma festa, usufruindo os dons que recebemos sem reclamar dos acontecimentos. O próximo medo é relacionado ao processo da morte, que é configurado por ter medo da forma com que se irá morrer. Para lidar com esse medo, devemos ter em mente que, independente da via que perpassarmos para alcançar a morte, o resultado será o mesmo, tendo em vista que ela é necessária e inevitável e faz parte do ciclo do cosmos.

Por fim, temos o medo da morte dos outros, que é o medo da morte de um ente querido, e a resposta estoica para esse tipo de morte é radical, segundo a autora, pois devemos amar os outros não apenas como são individualmente, mas também pelo que são, mortais, assim exercitando essa visão para podermos nos acostumar aos poucos

com essa ideia, e não sermos arrebatados quando a representação da morte de um ente querido chega. Nas palavras de Epicteto, devemos ver a perda do que não está sob nosso encargo como uma restituição. Isso não implica que não cuidaremos de nossas relações, como se uma pessoa estóica fosse fria em seus sentimentos, mas sim que se deve reconhecer a finitude tanto de nós mesmos quanto dos outros, para não nos arrebatarmos por algo que inevitavelmente irá acontecer, que é a morte, no caso, a morte de outrem.

Ao final da exposição do capítulo, a autora sintetiza a sua argumentação, até então muito bem embasada, através de dois parágrafos. Neles, temos que a conclusão mais evidente é de que o objetivo de uma pessoa estóica é agir diante da morte com confiança, assim como Sócrates agiu, reconhecendo que ela nada é para nós. Nesse caso temos que ter em vista a construção de três pilares da argumentação, a saber: as noções físicas que se deve ter, de que devemos reconhecer a função da morte no cosmos, compreendendo o que é a morte e porque ela é necessária; o pilar da lógica, em que devemos ajustar os próprios juízos (*hypólepsis*) sobre a morte, compreendendo que ela não é um mal; e o pilar da ética, ajustando a nossa conduta que é condição necessária para almejar a vida virtuosa. Tendo em vista esses pilares, reconhecemos que a morte não é um mal, e que com relação ao medo dela podemos lidar, pois tal medo se relaciona a juízos, repulsas e desejos errôneos sobre ela. Além disso, é preciso ajustar o desejo e a repulsa para agir em conformidade com a natureza, não desejando que as coisas aconteçam como queiramos, mas sim que aconteçam como devem acontecer, como nos explicita a parte VIII do *Manual de Epicteto*: “Não busques que os acontecimentos aconteçam como queres, mas queres que aconteçam como acontecem, e tua vida terá um curso sereno” (Dinucci, Julien, 2012, p.18). Devemos levar em conta a finitude para aproveitar o tempo que temos antes de trocarmos de lugar com outro ator da peça do cosmos, pois na vida, sendo curta e a morte certa, devemos agir sobre aquilo que depende de nós, buscando construir uma vida boa, nos termos estóicos, uma vida virtuosa, uma vida feliz.

Durante todo o decurso do texto, podemos observar diversas citações da autora, tanto para demonstrar uma argumentação específica do Epicteto, seja nas *Diatribes* ou no *Manual*, assim como alguns argumentos do estoicismo em geral, o que enriquece bastante o livro analisado em questão. Essas citações incluem Diógenes Laércio, Aulo Gélíio, Hadot e Foucault, assim como alguns artigos e partes das diatribes traduzidos do inglês para o português, por parte da autora. Em geral, o livro demonstra um rico embasamento em torno do tema apresentado, buscando explicar seus pormenores para estabelecer uma ideia concisa sobre o que está sendo apresentado. Esse trabalho é de fundamental importância para o campo de estudo sobre a filosofia epictetiana no Brasil, área essa que carece de textos em língua portuguesa, sendo fundamental também para o estudo do estoicismo em geral, visto que diversas argumentações empreendidas pela autora, algumas citadas nesse texto anteriormente, se constroem a partir de alguns elementos que perpassam toda a filosofia estóica, tendo como exemplo basilar as distinções das três áreas de estudo estoico e como elas se conectam, a saber: Física, Lógica e Ética.